

Os cronistas

O critério que nos orienta (de só falarmos das figuras verdadeiramente representativas de cada época) leva-nos a relegar os crónicons, as agiografias e livros de linhagens, por pouco representativos, e a só falarmos de alguns cronistas.

O nosso primeiro cronista, Fernão Lopes, é sem dúvida um dos maiores, senão o maior cronista de todos os tempos, pois como dele disse Herculano, «adivinhou os princípios da moderna história: a vida dos tempos de que escreveu transmitiu-a á posteridade, e não, como outros fizeram, somente um esqueleto de sucessos políticos e de nomes célebres. Nas crónicas de Fernão Lopes não há só história: há poesia e drama: há a Idade-Média com sua fé, seu entusiasmo, seu amor de glória. Nisto se parece com o quasi contemporâneo cronista francês Froissart: mas em todos esses dotes lhe leva conhecida vantagem». Fernão Lopes é uma figura particularmente representativa da burguesia comercial-marítima que na sua meninice conquistara o Poder com a revolução de 1383, e as suas crónicas, sobretudo a crónica de D. João I, são a descrição viva e animada da burguesia comercial de Lisboa, dos seus ódios, das suas lutas, dos seus chefes; na descrição do cerco de Lisboa sente-se viver o povo, ouvem-se seus gritos de desespero, compartilha-se das suas esperanças; há aí, de facto, poesia e drama. Poesia e drama que só podiam ter sido sentidos por quem, como Fernão Lopes, pertencia a esse povo e viveu essa revolução. As crónicas de D. Fernando e de D. João I são fundamentalmente o amadurecimento e eclosão da revolução burguesa de 1383-85, de tão capital importância na vida da nacionalidade. Fernão Lopes é filho de uma revolução e o seu historiador brilhante; sem ela, talvez nunca tivesse sido chamado para o cargo de «escrivão dos livros de D. Duarte», cargo que parece ter ocupado em 1419. Fernão Lopes e Herculano, são dois filhos espirituais de duas revoluções, e a sua obra está de tal forma ligada a elas, que sem elas perderia grande parte do seu significado.

Modernamente tem sido Fernão Lopes estudado por alguns críticos, como Aubrey

Bell, Hernani Cidade, Rodrigues Lapa e outros, embora muito haja ainda para dizer do glorioso cronista de D. João I, do homem que por ser de origem vilã, tão bem nos soube retratar os seus irmãos de classe revoltados, sob a chefia de Alvaro Pais e do Mestre de Avis. Luppold, a-propósito-de Diderot, disse que o escritor mais representativo duma época é o escritor da classe a quem o futuro pertence: Fernão Lopes é o escritor de uma classe, da burguesia comercial-marítima e da sua revolução.

Fernão Lopes é o historiador da génese dum mundo novo, o cantor de uma nova época que começa com a tomada do poder pela burguesia mercantilista em 1383, e vai depois acabar nas cinco partes do mundo, onde a febre de mercadejar levou as náus dos portugueses. O mundo de Fernão Lopes é um mundo prenhe de acontecimentos; paira no ar, como um fumo embriagador de haxixe, essa sêde de riquezas, tão característica do mercantilismo, e esse espírito de aventura, tão próprio da renascença. É o mundo das velhas civilizações mediterrâneas que se desmorona para dar lugar á civilização atlântica ou universal. Para que as náus dos portugueses sulcassem «os mares nunca dantes navegados» foi preciso que os representantes da aristocracia feudal fôsem substituídos pelos mercadores, os homens mais interessados em sulcar esses mares que os separavam dos mercados das especiarias: essa substituição foi feita revolucionariamente, e o historiador de acontecimentos desta magnitude foi Fernão Lopes. Mas Fernão Lopes é mais do que um simples cronista; é alguém que toma muito a peito a causa do Mestre, que era também a sua, e nos faz passar ante os olhos, em quadros magistrais, a «arraia-miuda» revoltada e alguns dos seus grandes chefes; que nos descreve minuciosamente as várias fases da luta, e nela toma partido, pelos comentários, ao lado dos insurrectos; que fustiga e amarra ao pelourinho da história os traidores á causa do Mestre, ou os que, como o conde D. Gonçalo, agiram somente movidos por interesses da pecúnia. Mas Fernão Lopes tomando o partido dos insurrectos,